



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talla-ba-Lisboa • Telefone 5339 C.

Officinas de impressão — Rua da Alameda, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREPARANDO UM NOVO SALTO

As pessoas pouco ocupadas e possuidoras de tamanha dose de mau gosto que, sem ser por dever de ofício, costumam entregar-se à leitura da imprensa burguesa terão notado que vários jornais nos vêm falando da desapareição da viação eléctrica em Lisboa no caso de não consentirem as entidades competentes um novo aumento de tarifas. Terão lido também que uma comissão especial nomeada pelo governo, procedendo ao estudo da escrita da Companhia Carris do Ferro, tendo publicado já o relatório respectivo que se mostra completamente favorável ao aumento de tarifas, porquanto reconhece ser precário o estado financeiro da dita companhia. Encartando razões, já os leitores perceberam que a Carris prepara um novo salto à bolsa do que estão forçados a utilizar-lhe os serviços. E' o terceiro nos últimos tempos, todos de vulto e espaciais por curtos intervalos.

Este último projecta-se que se já apenas dois modestos em por cento. A insuflável empresa de Santo Amaro alega há meses que as suas receitas não davam para cobrir as suas despesas. Trabalhou, na sombra e às claras, manejou habilmente o município e a imprensa, gastou com o seu plano algum dinheiro, porque dinheiro não lhe falta apesar do seu estado penitente, e acabou por alcançar o seu desígnio, por ver aprovado o almejado aumento de tarifas. Pouco tempo depois nova campanha, os mesmos maneios, e o mesmo resultado, isto é, segundo aumento de tarifas, de levar couro e cabelo. Mas a Companhia não está satisfeita ainda e intenta já uma terceira extorsão. O seu plano é o mesmo. Uns arrazoados nos jornais a tanto a linha, a obtenção habilidosa dum certo influências, tudo para ir preparando o espírito público e evitar que as vítimas, colhidas de surpresa, destrambelhem num gesto um pouco mais violento, e afirmem o golpe desapiadado no passageiro, de convivência com a Câmara, que o povo elega para receber todos estes favores, e com o governo, que zela os interesses populares da bonita maneira que se vê.

Mais cem por cento. A viação eléctrica, com o aumento doutro dia, ficou esmagada, ficou quase inaccessível. Não foi só o aumento de tarifas; foi ainda a mudança na organização do serviço, implicando mil e uma traquiniceiras que são outras poucas vergonhas para expor o público. Quem mora longe, trabalhando no centro da cidade, forçado por isso a utilizar-se de qualquer meio de condução, dos eléctricos evidentemente, por não haver outro, tem de dar para a Companhia uma parte enorme dos seus ganhos, tem de tirar à barriga para meter nos cofres do onipotente sindicato. Diga-se de passagem que o serviço está agora pior do que nunca,

NOTAS & COMENTÁRIOS

Dormideiras

Os altos feitos de Afonso Costa na defesa dos interesses de Portugal foram anteontem enaltecidos pelo sr. Melo Barreto, no Congresso da República. Referiu-se este parlamentar a uma reunião em que deviam ser apresentadas reclamações de Portugal, Grécia e Roménia. O sr. Afonso Costa falou tanto ou pouco, "preendeu" tam profundamente a atenção dos seus colegas, que a sessão foi exclusivamente consagrada a Portugal. Os delegados ouviram, ouviram, não fizeram um único gesto, nem a menor interrupção. Tam presos estavam à palavra do sr. Afonso Costa, que o vício de fumar os não levou a abandonar a sala, nem a vontade de arbanar os fez tomar a direcção do microfónio. Estavam como que hipnotizados. E Afonso lavava. Eles ouviam, ouviam. Por fim o grande representante de Portugal sentiu a garganta secar-se-lhe, a palavra faltar-lhe, o miolo esgotar-se. Mas continuou ainda. Era um fiasco findar abruptamente. Que diriam os ilustres representantes das outras nações, se Afonso Costa, depois de proferir um discurso tam lindo, findasse de súbito, esgotado, suado, exaustor? Ali mas já não podia; Afonso já não podia mais. Contra sua vontade, o discurso findou, cortado por subitâneo silêncio. Afonso Costa fechou os olhos, tapou os ouvidos para não ver os ges-

tos de enfado. Esperou. Nada... Desapoiou os ouvidos. Nada... Abriu os olhos e viu...

Viu que a ilustre assembleia dormia profundamente.

«La buena dicha»

Isto de ser generalissimo, ter ido à guerra com trinta batalhões... e não quebrar o nariz, demanda esforço e sabedoria. Primeiro que tudo é preciso ter bom estômago para banquetes; ser amável para os países que, arruinados-se, pagam jantares pantagruélicos; usar penacho e trazer o peito repleto de medalhas, como as montras das ouveiras.

O generalissimo Diaz tem todas estas qualidades e mais uma — sabe ler a buena dicha. Não a lê como aquelas cigarras sujas e mal-cheirosas, que exigem primeiramente uma monda de prata. O generalissimo é muito mais hábil.

Um redactor do Noticias andou em volta do aditivo, de espinha curvada, para que ele lhe dissesse qual seria o futuro de Portugal, e o generalissimo, com aquela segurança com que as cigarras costumam errar, pegou na mão do servil redactor e disse:

— «Esta é a linha da virtude, do heroísmo e da valentia. O senhor tem esta linha muito prolongada. Auguro, portanto, sem receio de errar, ao povo português um grande e brilhante futuro».

NÃO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Os velhos paredões do Limoeiro, espessos como a camada de terra que cobre a ossada dum cadáver, lúgubres como as últimas horas dum condenado a morte, repositório imenso de amarguras que lá dentro se removem e desfazem em lágrimas de fel, viram ontem uma tragédia mais — tragédia aliás simples, incapaz de comover quem quer que seja, posto que a vítima era de condição humilde, e a morte dum farroupilha não causa pena a ninguém. Perante a sensibilidade dos vivos, ou se trate de marquezes ou de vadios, — categorias entre as quais a diferença é só aparente, porque os extremos tocam-se — perante a sensibilidade dos vivos a morte dos pobres nenhuma importância tem. Com a chegada de Joffre a Portugal sentiu há dias a massa uma emoção maior que todas as que a grande guerra suscitou, mesmo com as suas notícias espantosas de combates mortíferos, e arredar brutalmente deste mundo, em curtos horas, milhares e milhares de soldados, todos por igual desconhecidos da massa impassível. Toda-a-Gente, esta entidade de conhecimento, de psicologia averiguada, irá atrás do funeral dum qualquer categorizado personagem, com que tope na rua, mas descurar-se há em ir visitar ao hospital o amigo, o camarada, desde que a fortuna dele tenha descaído. E' por isso que o caso sucedido ontem no Limoeiro carece de interesse. A mim é que me aprez registar aqui, sem ter em mira os agradecimentos de vintim porque esta é a morte, desde ontem de manhã. Um pobre-tano. Chamava-se Manuel dos Santos Ramalho e foi estivador. Estava na enxovia 1 do Limoeiro. O crime que ele cometera para assim o privarem da liberdade não no sei eu, e não me repugna acreditar que estivesse de todo inocente o desditoso. O certo é que a clausura lhe apoucou as forças, debilitando-lhe o organismo. Entrou com ele a doença, de súbito, mas implacável. A consequência não espanta muito, visto que, em suma, não tem as enxóvias do Limoeiro comodidades e resguardos equivalentes aos da habitação do sr. Rothschild. Mais rápida a doença em empolgar o desgraçado que a justiça em deslindar-lhe as culpas. Deixemos porém o pobre estivador no seu esparado baliq, a debater-se angustiosamente com a morte, e expliquemos que a tragédia mete um segundo personagem, de categoria mais elevada que a do primeiro. Um preso também, mas não um preso simples, vulgar, anónimo: um preso categorizado. Era o fiscal da enxovia. A direcção das cadeias escolhe em regra, para guardar e martirizar os outros presos, o pior de todos. Se numa prisão há delinquentes políticos, para fiscal será escolhido um gatufo. Se se trata de vigiar gatufo, a direcção nomeia para fiscal um faquinha; se de faquinhas, escolhe um assassino; se de assassinos, distingue um paria. O fiscal é em cada prisão um pequeno rei absoluto. O que ele diz é que vale. Decreta, insulta, maltrata, castiga, explora e rouba os outros presos, muito menos criminosos do que ele. Explora e rouba, sim senhores. E' que o fiscal negocia. Vende ovos a cruzado, carapaus a três tostões. A menos que o jógo lhe corra mal, sai endinheirado da prisão. Entrou para a enxovia sem vintém e com uma camada de pilhões no corpo. Se a sorte e os seus crimes lhe outorgam o lugar de fiscal, o nosso herói sai de lá com os mesmos pilhões mas com os bolsos cheios de estilha. Ora o fiscal da enxovia 1, de nome Agostinho Gouveia, é um patife — em obediência à regra: O negócio da cadeia dava-lhe um dinheirão. Canalha até à medula, preverso sem mistura, esse aleijão moral, atreito a frequentes acessos de mau humor, quando a bilis entrava a fermentar-lhe no arcaiboço intoxicado pelo ódio, remetia para o segredo os que lhe caíam em desagrado. De resto, muito protegido e considerado pela direcção e pessoal da cadeia. A necessidade de abreviar me obriga a interromper por aqui a descrição dos vários predicados que ornaram Agostinho Gouveia. Chegou o momento de pôr em presença um do outro os dois personagens desta tragédia. O primeiro, cada vez mais doente, exausto de forças, pressentindo a aproximação da morte, dirigiu-se na noite de anteontem ao segundo a queixar-se do mal que o derreava. A's patadas, esperando raivento como onagro hidrofobo, respondeu o esquelético da queixa:

MINEIROS INGLÊSES

A significação do seu movimento

Ao contrário do que se tem verificado com quasi todas as greves feitas nos últimos tempos, em que somente se lutava por um aumento de salário, a dos mineiros ingleses apresenta-se com um carácter defensivo, pois que o que eles pretendem é unicamente evitar que lhes sejam reduzidos os já magros salários que presentemente auferem.

A burguesia inglesa seguindo a nova tática — e certamente consequência dum entendimento internacional — depois de ter feito baixar um pouco o custo da vida, resolveu — com esse pretexto, mas unicamente com o fim de tornar a meter debaixo do pé toda a classe trabalhadora, que na sua opinião se mostra actualmente muito rebelde e exigente — reduzir todos os salários, começando para esse fim pelo dos trabalhadores das minas.

Foram estes, pois, os primeiros a ser escolhidos, não só porque sendo isto aceite por eles, estava quasi garantido que as restantes classes se submetteriam pacificamente a essa extorsão, mas também por que a industria se encontrava actualmente em circunstâncias particulares.

Estes, até agora sob o controlo do governo inglês, o qual, sem dúvida por entendimento secreto, resolveu entregar-lhe dia 31 de Março findo aos seus proprietários; estes então responderam que as minas continuavam à disposição daqueles que quizessem trabalhar, mas que em vista das dificuldades da presente — momento não podiam conservar os antigos ordenados, e que precisavam fazer-lhe umas certas reduções. Segundo as estatísticas e vários cálculos apresentados, o salário indicado pelos proprietários das minas representaria um aumento de 70 % sobre os salários de 1914, o que não poderia de forma alguma ser aceite, pois que o custo da vida na Inglaterra sofreu dal para cá um aumento de 141 %, acrescentando ainda que a situação dos mineiros já não era nesse tempo lá muito satisfatória.

Por isso todos eles responderam a esta afronta com a paralisação geral do trabalho nas minas, e as restantes classes, vendo na atitude dos proprietários uma nova ameaça para todos aqueles que vivem do salário, apressaram-se logo a dar-lhes o seu apoio, preparando-se algumas delas, como a dos ferroviários, para irem também, sendo necessário para a greve geral de solidariedade. Certamente a burguesia deve estar alarmada com as consequências que lhe podem advir deste grandioso movimento, mostrando-se o que a proletariado escosses — o mais revolucionário e o mais consciente de toda a Inglaterra — disposto e decidido a lutar a valer pela defesa dos seus direitos, e a notícia de que as minas iam novamente passar a ser administradas pelas repartições do Estado — pode significar já uma transigência e um desejo dos proprietários das minas de se saírem airoso do grave conflito que só pela sua ganância eles provocaram.

C. G. T.

Comité confederal

Volta hoje a reunir amanhã, pelas 21 horas, o Comité confederal para continuação dos trabalhos ontem encetados.

apagados do enfermo: — «Vai-te daqui, meu...! Bem conheço a tua doença! O que tu queres sei eu. Queres ir para a enfermaria, hein?... E assim por diante. Foi-se o misero a cambalear para o baliq, uma grande desolação na alma, um começo de paralisia nos membros... O honesto fiscal continuou a vender os seus ovos a cruzado e os seus carapaus a três tostões, empochando o facto lúculo que lhe advinha desse negócio, cuja legitimidade ninguém se atreveu já a contestar, porque o segredo até no verão arrefece as pessoas... Agora o futuro quadro da tragédia: ontem de manhã repararam os presos, à hora habitual do despertar, que o doente da véspera não tigia, nem mugia nem dava sinais de si... Foram ver, num movimento de simples curiosidade — e vai, encontraram morto o estivador Manuel dos Santos Ramalho — que a perversidade do destino empurrou para a prisão e a perversidade dos homens atirou para a covão. Aqui termina a minha tragédia. Alguns a acharão um pouco triste. Mas não há lugar para lamentações: um obscuro pé-descalço...

Prof. Carlos

P. S. — Agora me dizem que o director da cadeia do Limoeiro, conhecedor dos factos que acima se relatam, adoptou providências de molde a dar satisfação à justiça: transferiu para Monsanto o fiscal culpado, e mandou deitar fora o cadáver inútil. — P. C.

AMANHÃ
Grandeza e declínio do bolchevismo
Argo de HAMON

OS NOSSOS PRESOS

Miguel Correa e António Piloto saíram ontem

Ontem à noite tivemos o grato prazer de abraçar nestas oficinas os nossos prezados amigos Miguel Correa e António José Piloto, que havendo sido restituídos à liberdade pelas 20 e meia horas, vieram pessoalmente trazer-nos a boa nova, momentos depois de terem abandonado a cadeia do Limoeiro, onde se encontravam há alguns dias, após uma longa permanência nas prisões do quartel de sapadores dos caminhos de ferro.

Se é certo que aqueles delicados organizadores dos ferroviários do Sul e Sueste estavam naturalmente desejosos de ser restituídos às respectivas famílias e ao convívio dos seus amigos, que são em grande número não só entre a classe ferroviária, mas entre todo o operariado organizado, a verdade é que veem justamente contrariados por não terem levado perante os tribunais, onde teriam ocasião de demonstrar que se cometera para com eles uma grande arbitrariedade.

E' que não havia motivo plausível que pudessem ter determinado a sua captura, porque a única coisa de que os podem acusar é de terem sido dos mais esforçados combatentes na recente greve ferroviária, como tem sido igualmente dos mais perseverantes adversários dos tirantes da corporação a que até há pouco pertenceram.

Ora a responsabilidade completa de tal delito reivindicam-na elas inteiramente, mas replem com indignação as outras acusações que lhes foram indigneiramente associadas e que eles reduzem à expressão mais simples se os tivessem levado perante qualquer tribunal.

Contava-se que os restantes ex-ferroviários presos, a maior parte deles detidos na Torre de S. Julião da Barra, saíssem durante a noite passada, mas até à hora em que encerramos o jornal não se confirmou a notícia.

Os camaradas Miguel Correa e Piloto seguem hoje, no vapor das 18,40 para o Barreiro, onde tem a sua residência.

Outros presos em liberdade

O nosso camarada Alfredo Pinto, ex-ferroviário do Sul e Sueste, que sendo um trabalhador probo, é também um exemplar chefe de família, o que não obsta a que seja tido pelos da policia como um homem terrível, deu-nos igualmente, cerca das 2 horas da madrugada, o prazer da sua visita, tendo pouco antes sido restituído à liberdade dos quartos particulares do governo civil, onde recolhera ao fim da tarde, vindo da esquadra das Mónicas, para cujo calabouço fora levado anteontem, conforme noticiámos. Acusavam-no — e pamosol — de estar implicado na greve dos operários manipuladores de pão!

Também anteontem foi restituído à liberdade o operário electricista Mário Trindade de Azevedo, que julgado pelo tribunal de defesa social em 1 de Julho de 1920, fora condenado, isto é, entregue ao governo.

Mário de Azevedo encontrava-se no forte de Monsanto.

Ainda pelas 2 horas desta madrugada foi restituído à liberdade o operário carpinteiro Francisco Fernandes, continuando das associações que tem a sua sede no edificio onde está instalada a Batalha e que, conforme dissemos, fora preso na segunda-feira, depois de regressar do trabalho, tendo sido levado sob incomunicabilidade para a esquadra dos Terramotos.

As «demarches» da comissão pró-presos

Delegados da comissão pró-presos por questões sociais e do Conselho Jurídico da C. G. T., acompanhados do respectivo advogado, entrevistaram ontem o presidente do ministério, que declarou que todos os presos abrangidos pela amnistia vão ser imediatamente restituídos à liberdade.

Convidou os referidos comissionados a procurarem hoje, pelas 10 horas, e a levarem-lhe a relação de todos os presos por questões sociais, para uma hora depois se entender sobre o assunto com o capitão Ciríaco, do quartel general.

A GREVE

DOS

Trabalhadores dos jornais

A comissão administrativa da Associação dos Litógrafos, em sua reunião de ontem, ocupando-se do movimento dos trabalhadores dos jornais, comunicando-lhe que, tomando no devido apuro a resistência que os grevistas tem oposto às pretensões dos industriais do jornalismo, resolveu auxiliá-los com a quantia de 10\$00, importância que fez chegar à mão do respectivo tesoureiro.

ANTE UM REGIME NOVO

Através da Rússia

(Da agência ROSTA WIEN)

Erivan ocupada pelas tropas soviéticas

O governo soviético arménio publicou o seguinte manifesto:

«Hoje, graças aos esforços das massas operárias arménias e ao apoio dum destacamento de tropas vermelhas, pôs-se fim à triste aventura dos Dajnaks. Os Dajnaks, sustentados pelos ricos proprietários e numerosos emigrados da Turquia, quizeram fazer de lacaios da Entente e provocaram um novo desastre neste desgraçado país, que sangra ainda de numerosas feridas. No curto período do seu reinado, os Dajnaks, devastaram a Arménia. Os camponeses e operários da Arménia dispersaram enfim este pequeno bando de aventureiros. A bandeira vermelha do trabalho flutua na capital da Arménia. A população de Erivan saída com entusiasmo dos destamentos do exército vermelho que lhe trouxe a liberdade. Os operários e camponeses dirigem as suas saudações entusiásticas à Terceira Internacional e aos chefes da revolução mundial, Lênine, Trótskiy, Zinovief e Stalin».

O presidente do comité revolucionário da República Soviética arménia (a) Tabakov».

Um desmentido de Tchitcherine

Tchitcherine publica o seguinte comunicado:

«Rádios de Nauen lançam novidades sem sentido acerca de supostas cartas comprometedoras que teriam sido apañadas a um correio bolchevista, que fazia a viagem de Riga a Berlim pela Tchecoslováquia. Os correios enviados de Riga a Berlim não costumam viajar pela Tchecoslováquia. E' igualmente falso que qualquer carta fosse encontrada ou tirada a um correio bolchevista. A suposta carta de Litvinoff para Kopp é uma odiosa falsificação. Litvinoff não se encontra em Riga, mas em Reval. Ora, a carta falsificada é datada de Riga e assinada por Litvinoff. O conteúdo dessa carta é uma invenção torpe e provocadora, tendo por fim lesar a Rússia Soviética».

A pretensa carta do *soi-disant* extremista Bolintof é igualmente falsificada. Um extremista com o nome de Bolintof não existe. Estas falsidades foram evidentemente fabricadas com o fim de

criar a impressão de que Moscovia organizara os tumultos na Alemanha e que dava ainda ordens nesse sentido. Os que lançaram esta mentira, à falta de provas, recorreram à falsificação de documentos».

O comércio exterior

O *Novi Mir* escreve: «O ministro do comércio polaco dirigiu uma circular às organizações de comerciantes e industriais polacos, informando-as de que as relações comerciais com a Rússia se restabeleceriam em breve».

A Rússia tem, acima de tudo, necessidade de roupas brancas, fatos, utensílios de cozinha, lâmpadas, etc. Na Rússia encontram-se já numerosos representantes de casas comerciais estrangeiras. O ministro espera que a conclusão da paz facilitará as relações comerciais com a Rússia».

Os transportes

O commissariado das vias de comunicação estuda os portos de Baku, de Derbent e de Petrovsk, assim como os das costas do Mar Negro e do Mar de Azof, sob o ponto de vista do comércio exterior».

Os aprovisionamentos

Os aprovisionamentos de batatas, em 10 de Março, sobem a 71 milhões de puds (1.161.915 toneladas) ou sejam 80 por cento do programa. Os de ferro atingem 86 milhões e meio de puds (1.415.572 toneladas) ou 69 por cento; os de palha 23.700.000 puds (387.850 toneladas); os de carnes 21.800.000 puds (356.757 toneladas) ou 71 por cento. As outras cifras fornecidas por frutas, manteiga, ovos, aves, etc., marcam igualmente uma alta percentagem na execução do programa.

As crianças alimentadas e vestidas pelo Estado

Segundo um decreto do governo soviético de Azerbeidjan, as crianças devem ser alimentadas e vestidas à custa do Estado. Na provincia de Kabrega abriam mais 73 novas creches.

Uma comissão de pais

O soviète de Tambóf tomou medidas para assegurar uma boa alimentação às crianças. O controle das cozinhas e dos asilos de crianças foi confiado a uma comissão de pais.

Manipuladores de pão

O movimento está quasi solucionado

O movimento dos manipuladores de pão, pode dizer-se, está solucionado. As sociedades de panificação acharam justas as reclamações, concedendo o aumento pedido nas condições que abaixo explicamos.

Porém os grevistas, que tem mantido entre si laços de solidariedade, fortes, não retomam o trabalho enquanto os seus presos não forem soltos.

Por esse motivo ainda se conservaram durante esta noite em sessão permanente.

E' o seguinte o acordo firmado entre a Companhia Industrial e Colónias, Sociedade Industrial Aliança, Industriais de Panificação Independentes e os grevistas.

A Companhia... compromete-se a aceitar e a pagar a partir de 1 de Abril corrente, os aumentos de salários ao seu pessoal panificador, reputados justos, pelo sr. presidente do governo e ministro da agricultura e do pão, desde que o gove no os o parlamento adoptem as conclusões a que chegou a comissão de inquérito às industrias de moagem e panificação, nomeada por portaria de 3 de Julho do ano findo, ou outras para nós equivalentes.

Em tal caso os novos salários serão os seguintes: cozeiros, 5400; moedores, 4500; tendeiros, 4400; moços, 3600.

Seguem data e assinaturas.

A's 3 da madrugada haviam sido restituídos à liberdade os operários manipuladores e não manipuladores presos por virtude da greve, excepto Domingos Vasques, que a policia de segurança do estado se opôs a libertar, contrariando assim as perentórias palavras do presidente do ministério.

Em face disto, os grevistas, que estavam reunidos na sua sede até à hora indicada, resolveram aguardar que aqueles operários mandados em paz para retomarem o trabalho, deliberando reunir hoje, às 11 horas, para tomarem decisões definitivas, convidando a classe a comparecer no seu máximo numero.

Proezas dum civico

Informou-nos a comissão de melhoramentos da Associação de Classe dos Manipuladores de Pão que o guard civico n.º 1885, da esquadra da Mouraria, convidou Maria do Carmo Sacramento e outra senhora, que se encontravam numa bicha na Mouraria, a entrar dentro da padaria para ver se havia pão. Depois de as apanhar lá dentro, fez propostas desonestas a Maria do Carmo Sacramento, que as repeliu. Este facto irritou o referido policia, que a maltratou e prendeu, levando-a para a esquadra da Mouraria.

Ali, para a fazer calar, os agentes quiseram dar-lhe dois pães e mandaram-na em paz.

Maria do Carmo, que é casada com um 1.º sargento da armada, ausente nesta ocasião, foi relatar o caso à Associação dos Manipuladores de Pão.

Dr. Zamenhof

O 4.º aniversário da morte do autor do Esperanto

Passa hoje, como na Batalha se disse já, o quarto aniversário do falecimento do dr. Luís Lázaro Zamenhof, autor da lingua internacional esperanto. A propósito vem dizer que a primeira obra sobre esta lingua foi por ele publicada em 26 de Julho de 1887, tendo por título *Lingua International, Prefacio e Manual completo para os Russos*; o autor em obra-se sob o pseudónimo de Dr. Esperanto, o que deu mais tarde origem ao nome da lingua pela qual ele é hoje universalmente conhecido.

A elaboração do Esperanto levou muitos anos de trabalho e fez sentir ao seu autor profundos dissabores. Mas como a sua concepção era mais filha de um ideal elevado do que de qualquer intuito mesquinho, o dr. Zamenhof integrou-se tanto no espirito da sua obra, identificou-se tanto com o ideal que o acautelava, que toda a sua vida, todo o seu coração foram entregues à árdua missão de que se incumbira.

Estudou muito; praticou durante largo tempo, a sós, a lingua da sua concepção; explorou os segredos de vinte e oito linguas, a fim de colher material para a sua obra, e no fim de muito estudo, muito trabalho e muito sofrimento, empreendeu a propaganda da lingua que tam laboriosamente havia criado e que começou logo a alcançar adeptos.

Os primeiros tempos foram de luta acérrima e de desilusões amargas. Finalmente, em 1905, realizou-se em Boulogne-sur-Mer (França) o primeiro Congresso Universal de Esperanto, que marcou o inicio de uma perfeita organização internacional das instituições esperantistas, organização esta que constitui hoje a garantia do seu triunfo definitivo.

Uma sessão

Comemorando a data do aniversário da morte do autor do Esperanto, realiza hoje a sociedade esperantista operária Lisboa Verda Stelo, rua António Maria Cardoso, 20, r/c, uma conferência sobre a vida do grande sábio, seguindo-se o exame aos alunos que terminaram o curso.

A entrada é pública.

A educação do operariado

Com o fim de desenvolver a mentalidade dos trabalhadores, resolveu a União dos Sindicatos Operários iniciar conferências sobre todos os assuntos de carácter social, filosófico, científico.

A primeira conferência a realizar será no próximo domingo, 17, pelas 21 horas, sendo conferente o camarada Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da C. G. T.

O tema a versar nesta conferência será proximamente anunciado.

SAPATEIRO
Precis-se para concertos.—Rua do Cru-
cifixo, 28, 5.^o

TINTURARIA
Preto fixo e todas as cores, só na Tinturaria Alcantarenses, onde se tingem toda a qualidade de vestuário. Rua de Alcantara, 19.

SAPATEIRO
Contra-mestre habilitado. Paga-se
em Rua do Recreio, 141.